

O TOXICÔMANO : SUA ENTRADA EM ANÁLISE

O toxicômano

Há uma variedade fenomenológica nas demandas de tratamento em nomes das toxicomanias. Dessa variedade vamos destacar um conjunto que denominaremos de toxicômano e definiremos como o conjunto daqueles que usam droga de forma intensiva e podem ter a sua fala reduzida à frase: *Eu sou toxicômano*.

O Eu sou e a potência do Outro

Sempre prevaleceu nas discussões sobre a toxicomania a proposição lacaniana de que a droga permitiria uma ruptura com o falo, o $-\phi$. A obtenção de gozo pelo toxicômano se daria sem o recurso do Outro do discurso universal, sem passar pelos valores da cultura.

Só que, ao se implicar no *Eu sou toxicômano*, o sujeito restaura a sua relação com o Outro, resgatando assim o $-\phi$. O *Eu sou* é um enunciado que possibilita ao sujeito a referência simbólica, como um modo de dar sentido à sua existência, ao dar nome à coisa. Quando rompe com a nomeação que lhe é dada pelo Outro, por exemplo, ser médico, ser engenheiro, para estar na linguagem é preciso que seja colocado outro nome no lugar. Qualquer ser na linguagem precisa se nomear para atender à exigência de responder ao *o que você é*.

Miller situa o fundamento do *Eu sou* na afirmativa de que em todo *sou* há uma remissão ao Outro, já existe alienação/separação significantes . Ou seja, não há sujeito sem o apoio do S1, da "insígnia da onipotência do Outro para fixar o sujeito".

A entrada no dispositivo analítico

Quando esses pacientes entram no dispositivo analítico é possível observar um deslocamento da prática do uso intensivo das drogas para a prática da experiência analítica. Cabe a suposição de que é a instalação do fenômeno da transferência o que vai permitir esse deslocamento. A entrada implica na possibilidade de alienação, já que entrar no dispositivo é alienar-se.

Com o tratamento o que se observa é a ressurgimento do Outro em sua plena potência devastadora, de uma sobrecarga no enodamento do Imaginário e do Real, consequência de um lapso no simbólico. É porque houve um circuito no imaginário que o simbólico não funciona bem. É assim que para o toxicômano o analista toma o lugar da droga, encarnando um lugar na transferência imaginária e real, do qual o sujeito se vê presa e objeto.

No intervalo que vai do $-\phi$, frágil, ao rompimento com este e com o Outro, é possível pensar a transferência enquanto real. Se o sujeito se separa do lugar do Outro, o analista é deixado nesse lugar de "lixreira", de "pequeno a horrível" (Miller).

A toxicomania se instala diferentemente da neurose.

Nos centros de tratamento para toxicômano o aparecimento do fenômeno da angústia após o terceiro ou quarto dia de abstinência é rotina. A angústia irrompe como sinal desse real que se apresenta na experiência desses sujeitos, frente ao nada que surge com a retirada do objeto droga.

A angústia é um fenômeno que se apresenta numa relação essencial do sujeito com o desejo do Outro, quando ele não sabe o que ele é nesse desejo, sendo-lhe vital o império do Outro. A angústia aparece quando, em lugar da castração, ocorre outra coisa, o estranho, vindo assim faltar a falta.

Em 75 Lacan propõe saídas para o fenômeno da angústia: - pela fobia, em que o sujeito encontra uma representação imaginária, que possui uma referência no mundo, pondo em evidência o $-\phi$; pela droga, quando vai buscar no mundo, seu modo de gozo, através da substância.

Desse modo penso que na toxicomania a problemática se localiza no intervalo entre a castração, o $-\phi$, e o rompimento com este. E como efeito temos a mudança de objeto.

O tratamento do toxicômano é diferente do tratamento do neurótico

Quero defender que o suporte imaginário é um recurso necessário ao início do tratamento desses pacientes. Não se pode implica-lo de imediato na pergunta sobre o ser, já que o paciente não suporta, por não ter os recursos lógicos necessários. Se o toxicômano teve acesso à função simbólica, o rompimento com o $-\phi$ não lhe permite operar a separação que possibilitaria a operação de castração. A cada confronto com a falta, a falta de saber que lugar ele ocupa no desejo do Outro, ele tende a responder com o ato da droga.

Nesse sentido o lugar do analista como bengala imaginária se faz necessário nesse primeiro momento.

É assim que a paciente diz que brigava com todo mundo, o pai, a mãe, o namorado, arranjava um motivo para usar droga. E usava porque se achava potente. Agora descobre que não é, portanto não pode, não deve e não quer. Se não pensar assim vai querer desafiar e acaba se drogando.

Outro paciente admite que não pode lidar com o seu dinheiro, já que, a cada vez que o percebe no final do mês, o detona no crack e na cocaína. A analista lhe diz, se você diz que não pode, como vai administrar nesse momento sua impotência?

A instalação do $-\phi$

Um procedimento é então a instalação do $-\phi$, ou seja, a castração introduzida pela via do imaginário.

Outra característica da toxicomania é a densidade com que a transferência se instala, de forma maciça, sem que haja lugar para a falta. E aí o operador desejo do analista não pode apontar para a interrogação sobre o desejo do Outro, pois corre-se o risco de um retorno à droga. É necessário suportar o lugar do Outro da demanda, do amor e do ódio, que freqüente e intensivamente lhe é conferido.

Dois exemplos:

Em um caso a transferência de amor e erótica intensa é o que permite a manutenção do tratamento. A analista é o objeto quase que exclusivo de suas fantasias amorosas e sexuais. É a mulher que é o "máximo". Até um certo momento não podia suportar a regra de abstinência sexual com a analista. Desse modo repetia também a relação com o Outro materno, com o qual algumas inserções sexuais na sua infância foram permitidas. A cada confronto com a impossibilidade da relação sexual com a analista é tomado de uma irrupção intensa de ódio. Aos poucos a impossibilidade da relação é introduzida, juntamente com momentos fortes de depressão, que substituem o pensamento de suicídio. São oito anos de tratamento, a partir do sexto foi possível prescindir da droga.

Em um outro caso, uma máxima é: 'eu sou uma merda, uma droga', completa na relação com o Outro. A cada possibilidade de sair desse lugar, retorna a essa condição, roubando, assaltando, traindo a confiança. Quer a sujeição total do Outro, o seu amor. Não suporta o contrato com a analista de pagar as sessões que não comparece: "Você é radical em tudo, não facilita em nada". Em seguida diz que procura tirar tudo do Outro e depois trai a sua confiança.

Assim a condução aí não pode se dar pela via da abertura do desejo do Outro, não pode apontar para o vazio. A construção do significante fálico é extremamente trabalhosa, a cada avanço demasiado, há o retorno à droga como solução

Maria Luiza Mota Miranda

Salvador, 16 de março de 2000.

Publicado na revista da IV Jornada de Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise. Abril de 2001. Rio de Janeiro.